Boston: Beacon, 1988.

HOLLY, M. Environmental Virtue Ethics: A Review of Some Current Work. Journal of Agricultural and Environmental Ethics, Gainesville, V. 19, Nº 4, pp. 391-424, Aug. 2006.

KILBOURNE, W. E. Sustainable Communication and The Dominant Social

Paradigm: Can they be Integrated? Marketing Theory, London, V. 4, Nº 3, p. 187208, Sept. 2004.

LEIS, H. R.; D'AMATO, J. L. O Ambientalismo como Movimento Vital: Análise de suas Dimensões Histórica, Ética e Vivencial. In: CAVALCANTI, C. (Org.). Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável. 2. Ed. São Paulo: Cortez,1998. Cap. 5, pp. 77-103.

LUCKETT, S. Towards a Critical Systems Approach to Policy Formulation in

Organizations. International Journal of Computers, Systems and Signals, Cape Town, V. 4, Nº 1, pp. 41-61, 2003.

_____. Environmental Paradigms, Biodiversity Conservation, and Critical Systems Thinking. Systemic Practice and Action Research, New York, V. 17, Nº 5, pp. 511-534, Oct. 2004.

PETTIT, P. Consequentialism. In: SINGER, P. (Ed.) A companion to ethics. Oxford: Blackwell, 1991. chap. 19, pp. 230-240.

REES, W. E. Economic Development and Environmental Protection: An Ecological Economics Perspective. Environmental Monitoring and Assessment, Dordrecht, V. 86, Nº 1/2, pp. 29-45, July 2003.

ROHDE, G. M. Mudanças de Paradigma e Desenvolvimento Sustentado. In: CAVALCANTI, C. (Org.). Desenvolvimento e Natureza: Estudos para Uma Sociedade Sustentável. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ROSSI, P. Os Filósofos e as Máquinas 1400-1700. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TAYLOR, R. L. Companionship with the World: Roots and Branches of a Confucian Ecology. In: TUCKES, M. E.; BERTHRONG, J. (Ed.). Confucianism and Ecology: The Interrelation of Heaven, Earth and Humans. Cambridge: Harvard University Center for the Study of World Religions, 1998.

VASCONCELLOS, M. J. E. Pensamento Sistêmico: O Novo Paradigma da Ciência. 7. Ed. Campinas: Papirus, 2008.

WHITE, L. The Historical Roots o Four Ecological Crisis. Science, Washington, V. 155, Nº 3767, pp. 1203-1207, Mar., 1967

ESPAÇOS DE FORMAÇÃO PARA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO COM ALUNOS DO 1º. ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

ROSANGELA DE FÁTIMA MANTOVAN PALMISANO

RESUMO

Este artigo a respeito dos Espaços de Formação para construção do conhecimento com alunos do 1º. Ano do Ensino

Fundamental, que envolvem diferentes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Artes, Ciências Naturais, Sociais e Humanas, História tem como objetivo observar que há grande diversidade de ambientes que podem ser utilizados pedagogicamente além da sala de aula, como cenário para o desenvolvimento e aprendizado das crianças de forma significativa e prazerosa, uma vez que estes ambientes dão oportunidade para que os alunos das séries iniciais do ensino fundamental estimulem seus sentidos e usem a criatividade com liberdade e interesse. O que se justifica pela constante dificuldade de explorar meios que despertem interesse e prazer nas descobertas que os alunos deste nível escolar deve conhecer. A metodologia utilizada nesta pesquisa é a leitura e análise da bibliografia de autores como Axline (1989), Cunha (1994), além do próprio Parâmetro Curricular Nacional do Ensino Fundamental (PCN, 1997, 1998). Este estudo comprovou que é possível desenvolver o processo de ensino e aprendizagem dentro e fora dos muros da escola, todavia, é imprescindível que o professor esteja atento às metodologias capazes de oportunizar o processo de ensino aprendizagem buscando construir um conhecimento mais significativo para o aluno.

Palavras-chaves: Espaços de formação; Ensino Fundamental; Séries iniciais; Ambientes pedagógicos.

INTRODUÇÃO

Em tudo, a todo tempo, há possibilidades de construção do conhecimento, dentro e fora das paredes da sala de aula e, mais ainda, além dos muros da escola. Todos os espaços sugerem formas de aprender, seja em um parque, em um simples cômodo de uma casa, na rua. Enfim, com criatividade todos os cenários podem se tornar lugares vivos para compartilhar conhecimento.

Este artigo a respeito dos Espaços de Formação para construção do conhecimento com alunos do 1º. Ano do Ensino Fundamental, que envolvem diferentes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Artes, Ciências Naturais, Sociais e Humanas, História tem como objetivo observar que há grande diversidade de ambientes que podem ser utilizados pedagogicamente além da sala de aula, como cenário para o desenvolvimento e aprendizado das crianças de forma significativa e prazerosa, uma vez que estes ambientes dão oportunidade para que os alunos das séries iniciais do ensino fundamental estimulem seus sentidos e usem a criatividade com liberdade e interesse. O que se justifica pela constante dificuldade de explorar meios que despertem interesse e prazer nas descobertas que os alunos deste nível escolar deve conhecer.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a leitura e análise da bibliografia de autores Axline (1989), Cunha (1994), além do próprio Parâmetro Curricular Nacional do Ensino Fundamental (PCN, 1997, 1998). Os descritores de busca foram: Espaços de Formação, Ensino Fundamental, Séries iniciais e Ambientes pedagógicos.

Este estudo comprovou que é possível desenvolver o processo de ensino e aprendizagem dentro e fora dos muros da escola, todavia, é imprescindível que o

professor esteja atento às metodologias capazes de oportunizar o processo de ensino aprendizagem buscando construir um conhecimento mais significativo para o aluno.

DESENVOLVIMENTO

É comum que se acredite ser a escola o único lugar onde o professor pode trabalhar com seus alunos e, somente em uma sala de aula, é que se pode ensinar. Na verdade, se o intuito é que a criança de torne um indivíduo completo, autônomo e crítico é importante que desde os primeiros anos de vida escolar ele possa se sentir instigado para explorar vários espaços nos quais ele pode interagir e aprender.

Zabalza comenta:

O espaço acaba tornando-se uma condição básica para poder levar adiante muitos dos outros aspectos chave. As aulas convencionais com espaço indiferenciados são cenários empobrecidos e tornam impossível (ou dificultam seriamente) uma dinâmica de trabalho baseada na autonomia e na atenção individual de cada criança (ZABALZA, 1998, p.50).

Battini apresenta uma visão do espaço físico, pelo olhar da criança, que se adapta bem à forma com que elas têm o sentem:

Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que se faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar. (FORNEIRO apud BATTINI, 1982 p.24).

Forneiro nos traz uma definição de ambiente:

De um modo mais amplo, poderíamos definir o ambiente como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele. (FORNEIRO, 1998, p.233)

A diversidade de locais físicos onde a criança pode explorar sua criatividade e sagacidade é muito grande e o professor pode dar-lhe essa orientação. Alguns destes lugares são mesmo dentro de uma escola, como a brinquedoteca, biblioteca, parquinho, etc., mas há outros nos quais o professor pode incentivá-los a irem e a se desenvolverem.

Para isso, é importante que o professor e toda comunidade escolar tenha em mente que a criança quer aprender e que cada componente curricular pode ser enxergado/observado em todos os cantos, pois é possível ver Matemática, Português, Geografia, etc., em toda parte.

Neste sentido, cabe ao professor e, se possível, aliado à família, orientar a criança a descobrir os componentes curriculares e isso as auxiliaria muito mais na aprendizagem de forma prazerosa e significativa.

Um desses ambientes, por exemplo, é a brinquedoteca, onde se tem a oportunidade de trabalhar com diversos componentes curriculares como Língua Portuguesa, Artes, Geografia, etc. Afinal, para uma criança do ensino fundamental, brincadeira é coisa séria.

A respeito da utilização da brinquedoteca nas escolas, Noffs comenta que,

A brinquedoteca se apresenta como um espaço onde a criança, utilizando o lúdico, constrói suas próprias aprendizagens, desenvolvendo-se em um ambiente acolhedor, natural e que funciona como fonte de estímulos, para o desenvolvimento de suas capacidades estéticas e criativas, favorecendo ainda sua curiosidade. (NOFFS, 2000, p.160).

As cores e a variedade de brinquedos que estão disponíveis na brinquedoteca vão estimular as crianças. Por isso, é necessário que a decoração e a disposição dos brinquedos deixem as crianças à vontade para brincar sozinhas ou com os demais, estimulando a criatividade e as relações entre eles. Se bem estruturado, o espaço permite que o brincar seja enriquecedor.

A brinquedoteca é um local de construção do conhecimento, no qual brincar e aprender devem estar lado a lado. A ideia principal de uma brinquedoteca é valorizar a infância através de atividades lúdicas e criativas, além de estimular o desenvolvimento global da criança.

Neste local mágico (de caráter educacional e até terapêutico) basta que se tenha material suficiente e variado que vão além dos brinquedos tradicionais e industrializados, como materiais recicláveis,fantasias e tecidos de cores, tamanhos e texturas diferentes, por exemplo, que abrem um leque de possibilidades de criação artística para dar estímulos às atividades lúdicas, por meio das quais a criança passa a se conhecer melhor, a se expressar, a dominar suas angústias e a representar o mundo exterior, usando para isso a brincadeira simbólica.

Os livros também são grandes aliados para aguçar a imaginação das crianças e ajudá-las a construir sua própria identidade, porém, para que essa construção ocorra de forma saudável, o acervo deve ser variado para que não haja exclusão e que todas as crianças se sintam representadas nas histórias, contos e narrativas. Acrescente-se a isso a aprendizagem, o desenvolvimento de habilidades e aquisição de conhecimento de maneira prazerosa e significativa, o cuidado com os brinquedos, pois, mesmo que eles não sejam exatamente propriedade dos alunos, trata-se de material pertencente a todos, e da mesma forma devem ser cuidados no manuseio, no guardar e usar, e, especialmente, no zelar contínuo.

Outro lugar onde o aprendizado pode acontecer e de maneira natural é o parque ao ar livre, onde se pode trabalhar os Componentes curriculares: Ciências da Natureza, Educação Física, História e o Meio ambiente, visando uma conexão com a natureza.

Segundo a Agenda 21, a Educação Ambiental é definida como um processo que busca:

(...) desenvolver uma população que seja consciente e bastante preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhes são associados. Uma população que tenha conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar, individual e coletivamente, na busca de soluções para os problemas existentes e para a prevenção dos novos. (MARCATTO, 2002, p.14).

Medina (2002) destaca que a Educação Ambiental que pode ser trabalhada nos parques:

É um instrumento imprescindível para a consolidação dos novos modelos de desenvolvimento sustentável, com justiça social, visando a melhoria da qualidade de vida das populações envolvidas, em seus aspectos formais e não formais, como processo participativo através do qual o indivíduo e a comunidade constroem valores sociais e éticos, adquirem conhecimento, atitudes, competências e habilidades voltadas para o cumprimento do direito a um ambiente ecologicamente equilibrado em prol do bem comum das gerações presentes e futuras. (MEDINA, 2002, p. 52)

Resumidamente, a Educação Ambiental envolve vários aspectos tanto sociais, econômicos, naturais, culturais e ambientais e, por se tratar de um processo global, deve expandir-se por todos os ambientes, não somente dentro das escolas.

É no parque ao ar livre que a criança pode subir em árvores, brincar de esconde-esconde, jogar futebol, queimada, amarelinha, morto-vivo, pião, pular corda, atividades antes realizadas nas ruas de casa, por seus pais e avós, e que hoje em dia são quase inexistentes devido à falta de espaço e à falta de segurança enfrentada pela sociedade. É a oportunidade de resgatar as brincadeiras antigas, pois trabalham habilidades como ritmo, agilidade e força.

Por meio das brincadeiras as crianças estabelecem relações interagindo com o meio que as cerca e com os outros, desenvolvendo percepção, motricidade, sensibilidade e conhecimento. É essencial que o professor busque atividades capazes de estimular a coletividade e o trabalho em equipe que são fundamentais nas brincadeiras ao ar livre.

Além de se soltar, a criança pode ainda aprender brincadeiras novas, ainda poderá experimentar um maior contato com plantas, animais, como pássaros, tartarugas, peixes, aves aquáticas, como no caso de parques com lagos. Enfim, contato com a natureza (entenda-se, inclusive, a sujeira, o barro, a terra, folhas - o que criará anticorpos, evitando sobremaneira, doenças e alergias em geral).

É também há a possibilidade de usar o parquinho da escola, e assim, o aluno pode sentir a liberdade já que brincadeiras ao ar livre estimulam a atividade física, pois as crianças podem correr em espaços abertos o que as tornará mais ativas e com mais energia. Estimulam também a criatividade, pois fora da sala de aula elas podem inventar suas as próprias brincadeiras favorecendo a autonomia já que em um ambiente onde nem tudo é controlado, elas aprendem a lidar com imprevistos e elaborar soluções entre elas. O professor pode ser mediador oferecendo sugestões de brincadeiras como esconde-esconde, amarelinha, pular corda, etc., favorecendo às crianças oportunidade de utilizarem os números de forma significativa.

Num ambiente aberto, como em um parquinho, as crianças podem desenvolver atividades em grupo, que os fazem criar laços entre si, lidar com discordâncias e comportamentos alheios, enfatizando a coletividade. Isso tudo sem contar que brincando ao ar livre, em contato com

a natureza, as crianças criam anticorpos e experimentam os benefícios dos raios solares à saúde. Podese trabalhar, também, diferentes texturas (areia, barro, água, grama), experimentar e identificar horas do dia (manhã, tarde ou noite) por causa da luz, e encontrar cheiros e sensações desconhecidas.

Neste ambiente também é possível fazer até piquenique e trabalhar Ciências da natureza, Ciências humanas, valendo-se do tema Sustentabilidade para incentivar crianças saudáveis e conscientes. Incentivar um piquenique com as crianças é oportunizar um momento de interação, descoberta, autonomia e inclusão. Com esta ação pode-se estimular o potencial e observar a reação da criança frente às coisas novas, às regras sociais e à independência. Tudo isso, com a exploração de um espaço novo, em contato com a natureza.

Neste momento é possível trabalhar brincadeiras ao ar livre, música, natureza, falar da importância de comidinhas leves e saudáveis, ensinar a descartar o lixo no devido lugar e respeitar normas de convivências, especialmente em lugares públicos, respeitar o patrimônio, e, principalmente, favorecer a integração entre as crianças.

Também é importante aproveitar o momento do piquenique para explorar o conceito de reciclagem, quando ainda na preparação para a saída seja pedido para que os alunos levem, cada qual, o seu próprio copinho, conscientizandoos, assim, a não usarem copinhos de plásticos, mostrando-lhes onde dispensar seu lixinho de acordo com as cores dos coletores, que atualmente há em todos os parques.

E o que se dizer a cerca de uma horta escolar com conteúdo que se pode explorar as Ciências da Natureza, Ciências Humanas e ainda Sustentabilidade e Educação alimentar.

Uma atividade que pode ser muito produtiva e envolver a todos é o plantio de hortas e jardins no espaço escolar.

Um pequeno jardim, uma horta, um pedaço de terra, é um microcosmo de todo mundo natural. Nele encontramos forma de vida, recursos de vida. Processo de vida. A partir dele podemos reconsceitualizar nosso currículo escolar. Ao construí-lo e cultivá-lo podemos aprender muitas coisas. As crianças o encaram como fonte de tantos mistérios! Ele nos ensina os valores da emocionalidade da Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, transformação, da renovação. (GADOTTI, 2010, p.70)

O trabalho com horta na escola é extremamente enriquecedor, pois é possível desenvolver uma temática vasta e, sobretudo, muito significativa para a criança, que desde cedo já começa a entender a importância de se alimentar bem, com alimentação natural, sem agrotóxicos, a fim de que tenham boa saúde e, por conseguinte, bem estar e qualidade de vida. Com um detalhe que faz toda a diferença: alimentos produzidos por eles mesmos.

Neste sentido, o professor pode trabalhar com conceitos simples de tipos de solo, preparo, adubação, plantio e cultivo das hortaliças e seus nutrientes e por meio de ações de um trabalho coletivo e integrador entre as crianças. Sublinhe-se que o desenvolvimento deste trabalho

não fica somente dentro da escola. Em casa, o aluno vai despertar o desejo do cultivo de hortas domésticas envolvendo, também, a sua família.

Observe-se, ainda, que este não é um trabalho de curta duração, ao contrário, trata-se de um aprendizado contínuo, destacando-se as épocas de plantio e colheitas realizadas, sendo assim, é necessário que ele tenha continuidade durante todo decorrer do ano letivo e faça parte do Projeto Político Pedagógico da escola.

É possível trabalhar a língua portuguesa de maneira bem divertida por meio de Leitura e Contação de histórias, por isso, levar as crianças para a biblioteca é uma excelente estratégia pedagógica.

As atividades no ambiente de uma biblioteca são extremamente ricas. A biblioteca é uma ferramenta que permite o acesso à cultura, à informação e ao lazer, por meio de leitura e pesquisas, desenvolvendo uma aprendizagem permanente, que estimula a criatividade, a imaginação, a comunicação e o conhecimento. Ademais, para o próprio professor, o ambiente de uma biblioteca contribui para sua capacitação e lhes oferece a informação necessária para a tomada de decisões em aula.

O professor deve explorar as aulas em ambiente da biblioteca, pois assim ele acaba integrando o currículo às necessidades da comunidade escolar, auxiliar na formação e desenvolvimento das suas crianças com pensamento crítico, reflexivo e com criatividade, exercendo seu papel educativo.

E o que se diz de trabalhar Português, Ciências e Matemática por meio de receitas, na própria cozinha com o tema Culinária para crianças. Muitas são as vantagens de se trabalhar receitas culinárias com as crianças com uma temática bem diversificada junto à socialização e busca da autonomia da criança, uma vez que ela tem contato com os ingredientes (podem tocá-los, senti-los) e adquirir noção de quantidade e medidas (Matemática), aprender sobre outras culturas e alimentação saudável (Ciências), enriquecer o vocabulário (Português) e aperfeiçoar habilidades sociais e de trabalho em equipe.

Além de terem um aprendizado sobre alimentação saudável, desenvolvem habilidades motoras e melhora habilidade de organização, passam a ter conscientização sobre desperdício e, por outro lado, o aproveitamento de alimentos. E, somados a isso, estimular a capacidade de concentração e coordenação, favorecendo a socialização, a criatividade e a descoberta dos alimentos podem melhorar o rendimento escolar. Sem contar que é possível retomar noções de cuidados com a higiene como lavar as mãos sempre que chegar da rua ou ir ao banheiro, e na hora da alimentação – e cuidados na hora de preparar os alimentos, considerando que se deve lavar bem os alimentos antes do preparo.

Enfim, é possível explorar noções de segurança, noções de organização, planejamento de tempo, valorização dos alimentos, conceitos matemáticos (medidas, pesos, etc.), diferenças entre os alimentos: resíduos sólidos, resíduos recicláveis e não recicláveis, leitura de rótulos, as datas de fabricação, os componentes dos alimentos industrializados, etc.

Aproveitando o gancho de se tra-

balhar com receitinhas na cozinha ainda se pode trabalhar outro assunto muito vasto e relevante na sociedade: a reciclagem com a qual se trabalha Ciências da Natureza, Português, Matemática, Meio Ambiente e Sustentabilidade.

Com consequência dos grandes impactos ambientais sofridos pelo planeta, mais do que nunca é necessário trabalhar a relevância da contribuição de cada indivíduo conservação do meio ambiente. E, neste sentido, é fundamental que este trabalho de conscientização tenha início desde cedo com as crianças, por meio de projetos e ações que sensibilizem toda a sociedade desenvolvendo uma consciência ambiental.

É neste panorama, que o tema transversal Meio Ambiente deve ser trabalhado no ambiente escolar.

Por essas razões, vê-se a importância de incluir Meio Ambiente nos currículos escolares como tema transversal, permeando toda prática educacional. É fundamental, na sua abordagem, considerar os aspectos físicos e biológicos e, principalmente, os modos de interação do ser humano com a natureza, por meio de suas relações sociais, do trabalho, da ciência, da arte e da tecnologia. (PCN, 1998, p. 168)

Um projeto de reciclagem possibilita desenvolver atividades lúdicas com as quais as crianças aprendam brincando, de maneira prazerosa e significativa, por meio dessas ações, as crianças percebem seu papel como agentes e transformadores do meio e reconhecem os efeitos das suas atitudes no mundo em que vivem.

Toda a comunidade escolar deve reconhecer a diferença entre reutilizar e reciclar, a partir da coleta seletiva (separação de materiais para encaminhá-los ao processo de reciclagem) e da reutilização de materiais, valendo-se do conceito dos 5 Rs (Reduzir, Reutilizar, Reciclar, Recusar e Repensar), estimulando a criança a respeitar e cuidar do meio ambiente, portanto, cuidar e preservar a vida.

Ressalte-se que este é um tema cujo aprendizado deve ser perene. É um conhecimento que requer prática constante e não deve ficar limitado somente às crianças nos primeiros nos de vida escolar, igualmente, deve envolver toda comunidade escolar por isso a reciclagem deve fazer parte do Projeto Político Pedagógico da unidade escolar.

Outro ambiente rico em informações é o museu. Com este ambiente se pode trabalhar os componentes curriculares História, Geografia, Cultura indígena e afro-brasileira para despertar nas crianças o desejo de saber como era tudo antes de sua existência.

John H. Falk, diretor do Institute for Learning Innovation (EUA) afirma:

A visão predominante é a de que museus de ciência são legais, mas que não são necessários. Eu argumento que são necessários. As evidências que eu e outras pessoas estamos começando a coletar sugerem que os museus são tão importantes quanto as escolas no que se refere à sua contribuição para o entendimento da ciência pelo público. (CASADEOSVALDO-CRUZ, 2016).

A escola pode trabalhar a visitação em museus a fim de incentivar os alunos a envolverem-se em ambientes de cultura e

lazer. A visitação a museus pode ser considerada uma estratégia muito eficaz na produção de conhecimento desde as séries iniciais contextualizando desde cedo o conteúdo à vivência das crianças.

Os museus têm caráter cultural e educativo proporcionando tanto lazer como informação além de resgatar e conservar a cultura e memória de um povo promovendo conhecimento de sua história e ancestralidade. No contexto escolar, a visitação a museus são fontes inesgotáveis de aprendizagem porque se trata de uma atividade memorável e inspiradora. Além disso, a visitação a museus pode ser integrada no currículo, promovendo aos alunos a oportunidade de aproveitar as suas experiências com as coleções do museu, muitas vezes desconhecidas, para os seus trabalhos escolares, proporcionando ambientes de verdadeira matéria-prima para a imaginação e produção de conhecimento.

Enfim, a visitação ao museu não se trata apenas de um "passeio" como muitos alunos imaginam, mas visitar uma instituição como esta é conhecer a história de uma civilização, de uma região, portanto, uma verdadeira aula.

Seguramente, um dos ambientes que mais agrada às crianças é a quadra escolar. Este ambiente rico onde se trabalha a Educação Física (Linguagens, Códigos e suas Tecnologias) explora o Corpo e Movimento.

O professor pode explorar a quadra escolar para oportunizar à criança uma vida longe do sedentarismo, trazendo benefícios para o corpo e para a saúde. Atividades de movimentos são inerentes à fase infantil, mas é na escola, especialmente nas quadras escolares, que a criança organiza e assimila conhecimentos e habilidades relacionados ao corpo e seus movimentos. O papel da escola e do professor é criar um ambiente acolhedor e propor situações aos seus alunos, para que possam também explorar e desenvolver sua corporeidade.

Frise-se que não é necessário trabalhar exatamente com esportes, só por estar em uma quadra escolar. Atividades lúdicas também são muito boas para efetivar envolver as crianças. É possível valer-se de jogos e brincadeiras, juntamente com os movimentos, danças e alongamento. Além disso, por meio dessas atividades podem-se desenvolver habilidades como equilíbrio, força, velocidade, flexibilidade, coordenação, capacidade rítmica. E ainda aprimorar a acuidade visual, acuidade auditiva, acuidade gustativa e olfativa e tato.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997,1998) buscam a contextualização dos conteúdos da Educação Física sublinhando de modo particular a importância de se trabalhar as atividades de maneira interdisciplinar, transdisciplinar e através de temas transversais, favorecendo o desenvolvimento da ética, cidadania e autonomia dos indivíduos.

CONCLUSÃO

Este estudo a respeito dos Espaços de Formação para construção do conhecimento com alunos do 1º. Ano do Ensino Fundamental contribuiu para a confirmação de que alguns ambientes também podem ser utilizados além da sala de aula como cenário para o desenvolvimento e

aprendizado das crianças de forma significativa e prazerosa, uma vez que eles dão oportunidade para que elas estimulem seus sentidos e usem a criatividade com liberdade e interesse.

Brincar e aprender em ambientes abertos e naturais leva a criança a

observar e criar de forma espontânea, usando o saber de maneira concreta, colocando em prática imediatamente a teoria sugerida pelo educador e, em contrapartida, o educador aumenta suas possibilidades de trabalhar a interdisciplinaridade de forma ativa e efetiva.

Outra parte importante de se trabalhar fora da sala de aula e da escola é a possibilidade de observação das preferências das crianças nos ambientes diversificados, dando cada vez mais repertório para as próximas ações do educador.

Aprender e ensinar fora do ambiente escolar oportunizam diversas possibilidades de desenvolvimento e criação de forma agradável e prazerosa, sobretudo, muito mais significativa para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AXLINE. V. M.. Ludoterapia: A Dinâmica Interior da Criança. Belo Horizonte: Interlivros.1989.

BRASIL, Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos. Brasília,

2014. Disponível

em:file:///C:/Users/CHRYST~1/AppData/Local/Temp/Rar$DIa5348.46528/Educ acao%20patrimnial.pdf. Acesso em: 31/03/201.

BRASILAMBIENTAL. RECICLAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL. https://blog.brkambiental.com.br/reciclagem-na-educacao-infantil/. Acesso em: 31/03/201.

BRODOWSKI (S.P): ACAM PORTINARI (ORG). Museus: o que são, para que servem? Sistema Estadual de Museus – SISEM SP (Organizador); Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011. (Coleção Museu Aberto).

Disponível em:

file:///C:/Users/CHRYST~1/AppData/Local/Temp/Rar$DIa5348.31349/Museus_o_que_sao_para_que_servem.pdf. Acesso em: dez/2021.

CASADE OSVALDOCRUZ. http://www.coc.fiocruz.br/index.php/todas-as-noticias/1101-contribuicao-dos-museus-para-o-entendimento-da-ciencia-e-taoimportante-quanto-o-das-escolas-defende-pesquisador#!museu_sociedade_evento. Acesso em: dez/2021.

CALDEIRA, Paulo da Terra. Museus. In: CAMPELO, Bernadete Santos; Caldeira, Paulo da Terra. (Org.). Introdução as fonte gerais de informação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini et al. Bibliotecário escolar: um educador? Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 107123, 2002.

CUNHA, Nylse Helena Silva. Brinquedoteca – um mergulho no brincar. São Paulo: Maltese,1994.

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o su-